

## CONTEMPORANEIDADE: A (RE)SIGNIFICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS LÓGICOS PARA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

### CONTEMPORANEITY: THE RE(MEANING) OF LOGICAL FUNDAMENTS FOR SCIENTIFIC INVESTIGATION

Arlei Peripolli<sup>1</sup>

Silvio Carlos dos Santos<sup>2</sup>

Soraia Napoleão Freitas<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este artigo busca, a partir dos fundamentos lógicos para a investigação científica na contemporaneidade, uma possível (re)significação do modelo tradicional, em consequência do surgimento dos atuais paradigmas de pensamento que emergem da nova configuração global. Assim, refletir-se-á a eficácia de alguns métodos de pesquisa na produção do conhecimento, (re)pensando, desta forma, aqueles que utilizam relações lineares de causa e efeito, fazem generalizações de tipo estatístico e não reconhecem o valor da subjetividade. Igualmente, na verificação científica, outros procedimentos passam a ser valorizados, isto é, o caminho trilhado pelo pesquisador e a maneira como processou a sua interpretação na busca de elementos que permitiram uma visão holística, interrelacional do fenômeno estudado.

**Palavras-chave:** Fundamentos Lógicos; Investigação Científica; Subjetividade do Pesquisador; Contemporaneidade.

#### ABSTRACT

This article aims, through logical fundamentals in order to a scientific investigation in contemporaneity, a possible re(meaning) of traditional model, in consequence of appearing of current thought paradigms that emerge the new global configuration. Thus, it will reflect the effectiveness of some research methods in knowledge production, (re)thinking this way, those using linear relations of cause and effect, making generalizations of a statistical type and do not recognize the value of subjectivity. Likewise, in the scientific verification, other procedures are to be valued, i.e. the path taken by the researcher and how the interpretation was processed in the search for factors which enabled a holistic view, interrelation of the phenomena studied.

**Key-words:** Logical Fundaments; Scientific Investigation; Researcher Subjectivity; Contemporaneity.

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Graduado em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Coordenador de Educação Inclusiva do Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria e Professor da Universidade Federal de Santa Maria. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8546062608248096>.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista; Graduado em Letras e Psicologia pela Universidade do Sagrado Coração. Professor Substituto da Universidade Federal de Santa Maria. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3469061613412925>.

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Graduada em Educação Especial pela mesma Instituição e em Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. Professora da Universidade Federal de Santa Maria. Autora de centenas de trabalhos na área de Educação. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8605918251808106>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

## 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade contemporânea, por conta de sua complexidade, tem vivenciado uma constante (trans)formação: inventando e sendo (re)inventada a todo momento; onde a troca de hábitos, atitudes e comportamentos a têm marcado, consolidando, assim, uma realidade centrada na robotização de indivíduos a serviço da globalização. Neste sentido, Hall (2001) afirma que a mesma se refere àqueles processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras, integrando e interconectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço/tempo homogeneizados, ou como legitimam Hardt e Negri (2006, p. 11) ao afirmarem que:

[...] vimos testemunhando uma globalização irresistível e irreversível de trocas econômicas e culturais. Juntamente com o mercado global e com circuitos globais de produção, surgiu uma ordem global, uma nova lógica e estrutura de comando – em resumo, uma nova forma de supremacia.

Essa nova forma de se conceber o espaço e o tempo causa um forte impacto às identidades individuais e sociais e põe em conflito o modelo de sociedade que tem por base a cultura científica oriunda do Renascimento, onde se configura por uma visão unilateral e linear de mundo, cuja concepção de pessoa estava baseada em um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação, como uma relação convertida em mercadoria, que para os mesmos autores (Ob. Cit., p. 157) é “[...] um mundo maniqueísta, dividido por uma série de opiniões binárias que definem o Eu e o Outro, o branco e o negro, o de dentro e o de fora, o dominador e o dominado [...]”. Tais transformações deflagram a revisão de certos paradigmas, os quais são abandonados em prol de outros.

Destarte, torna-se necessária uma (re)significação dos fundamentos lógicos para a investigação científica a partir da nova conjuntura e concepção da realidade, como pressuposto ontológico que se relaciona com a compreensão da história, do homem, do sujeito, do objeto, da ciência, da construção lógica, definindo, desta forma, o fio condutor do entendimento e da explicação das várias abordagens que a pesquisa científica suscita.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

## 2 – PESQUISA NA CONTEMPORANEIDADE: UM APORTE TEÒRICO PARA A HEMENÈUTICA DOS FENÔMENOS

A pesquisa é a ação pela qual se objetiva obter ciência sobre algo. Com essa primeira definição tão abrangente, conclui-se que, no cotidiano, sempre se está pesquisando, visto que, quando se busca alguma informação para a resolução de problemas, faz-se a coleta de elementos variados que são importantes e fundamentais para elucidar os questionamentos. Em uma segunda definição, pesquisa é, conforme Ferreira (1986, p. 1078):

“[...] **1.** Ato ou efeito de pesquisar. **2.** Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. **3.** Investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”.

No entanto, num conceito mais restrito, quando se objetiva a elaboração de um conjunto de conhecimentos sobre um determinado tema, a ação de pesquisar deve se voltar a uma gama de elementos específicos. Não se visa qualquer conhecimento, mas um saber que vá além do entendimento imediato e, muitas vezes, superficial e assistemático na construção do conceito ou na apreensão do contexto inquerido. Conhecimento que se conquista, superando o imediatismo e a epitelialidade dos fatos, desvelando métodos, esclarecendo os fenômenos e embasado-os em isntrumentalizadores teóricos.

Assim, está-se desenvolvendo pesquisa para edificar o conceito de ciência, isto é, visando a estruturação de conjuntos de conhecimento que possibilitam alcançar em profundidade aquilo que a epistemologia do mundo das coisas e dos homens evidencia sem muita clareza: caoticamente. Trilha-se, então, aquelas metodologias que se apresentam mais adequadas para construir uma compreensão aproximada dos homens; da natureza; das relações humanas, econômicas e culturais. Corrobora Gamboa (1991, p. 100-101) ao dizer que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Conhecer a realidade significa compreendê-la, algo diferente de manipulá-la, ainda mais tratando-se da realidade humana. Essa compreensão exige procedimentos ordenados e rigorosos que supõem um método de pesquisa e uma concepção de ciência diferentes da ciência analítica. As ciências hermenêuticas deveriam estar movidas pelo desejo de comunicação e diálogo e não de domínio próprio das ciências naturais analíticas.

A pesquisa, dessa maneira, fortalece-se de alguns elementos peculiares para obter segurança quanto ao tipo de saberes produzidos. Percebe-se, que não há um modelo fidedigno, visto que, na construção de conhecimentos, sempre há margens de incerteza. Conforme Terré (2000, p. 42)

[...] a realidade não é verdadeiramente construída a partir do nosso imaginário, ela significa também que a realidade não pode ser compreendida como um dado predeterminado. Impõe-se uma conclusão: o ideal de objetividade como eliminação progressiva do erro por camadas sucessivas é, segundo os próprios critérios científicos, igualmente uma quimera.

Para o pesquisador não existem verdades reveladas ou dogmas pré-estabelecidos, ou seja, não há conhecimento absoluto e definido. Esse é sempre relativamente condenado sob determinadas circunstâncias, dependendo dos autores, métodos e das temáticas que o investigador elenca para desenvolver a pesquisa. Retomando os pensamentos de Gamboa (Ob. Cit., p. 101):

A compreensão de um fenômeno só é possível com relação à totalidade à qual pertence (horizonte da compreensão). Não há compreensão de um fenômeno isolado; uma palavra só pode ser compreendida dentro de um texto, e este, num contexto. Um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma totalidade só é compreendida em função dos elementos que a integram.

O pesquisador descreve, compreende ou explica o objeto estudado, para solucionar problemas, responder incógnitas, por meio de critérios escolhidos. Conseqüentemente, os saberes organizados pela investigação científica são vinculados a esses. Legitimando, Gatti (2002, p. 62-63) afirma que:

A pesquisa é um cerco em torno de um problema. É necessário escolher instrumentos para acessar a questão, vislumbrar e escolher trilhas a seguir e modos de se comportar nessas trilhas, criar alternativas de ação para eventuais surpresas, criar armadilhas para capturar respostas significativas. Para tudo isso, tem-se que ter certo domínio da área e de áreas transversas. Tudo isso se agiliza não só pela cognição mas, pela imaginação investigativa e pela intuição. Poderíamos falar em uma imaginação cognitiva. Esta não é gratuita, é exercitada.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Estes critérios estão vinculados à compreensão dos fundamentos lógicos que se utilizará no desenvolvimento da pesquisa. Cada pesquisador com sua investigação tem que construir o seu aporte teórico. O conhecimento científico se elabora, aprimora-se através de vários procedimentos e pela criatividade deste. A pesquisa não é, na prática, uma reprodução fidedigna das normas pré-definidas. O próprio fazer do pesquisador é idiossincrático e intrínseco. Ainda afirmando a mesma autora (Ob. Cit., p. 63),

O desenvolvimento de habilidades para a pesquisa só se faz no próprio trabalho de pesquisa. Este trabalho é a fonte de criação e guia de cada etapa e ação. Não há método estruturado teoricamente que aprioristicamente resolva os problemas e questões que emergem no desenvolvimento concreto da pesquisa.

Na pesquisa, torna-se relevante os dados coletados e a interpretação dos mesmos. Esses podem ser desde um conjunto de medidas precisas até depoimentos, entrevistas, diálogos, discussões, observações, etc. Visto que geram conhecimentos, acrescentando algo à compreensão do problema que se investiga. Para Gamboa (Ob. Cit., p. 100):

Os fenômenos objetos da pesquisa (palavras, gestos, ações, símbolos, sinais, textos, artefatos, obras, discursos, etc.) precisam ser compreendidos. Isto é, pesquisar consiste em captar o significado dos fenômenos, saber ou desvendar seu sentido ou seus sentidos. A compreensão supõe uma interpretação, uma maneira de conhecer seu significado que não se dá imediatamente; razão pela qual precisamos da interpretação (hermenêutica).

O saber é relativamente determinado por certas circunstâncias e está intrinsecamente ligado ao momento histórico, aos contextos, às teorias, aos métodos, às técnicas que o pesquisador elenca para produzir a investigação científica, ou como reitera Terré (2000, p. 37) ao dizer que “[...] não haveria autopoiesis<sup>4</sup> sem conhecimento de si, sem autoconhecimento”. Portanto, o conhecimento obtido é situado, atrelado a critérios de escolha e interpretação de dados. Segundo Gatti (Ob. Cit., p. 57):

<sup>4</sup> Para Terré (2000, p. 25) a autopoiesis se organiza “[...] como uma rede de processos de produção de componentes que, por um lado regeneram continuamente pelas suas transformações e interações a rede que os produziu e, por outro lado, constituem o sistema enquanto unidade concreta no espaço onde ele existe, especificando o domínio topológico onde ele se realiza como rede”.

Sem reflexão e auto-reflexão sobre o ato de conhecer, as formas de ver e colocar problemas, a maneira de tentar abordá-los, sem crítica e autocrítica não há pesquisa. Porque pesquisar é avançar fronteiras, é transformar conhecimentos e não fabricar análises segundo determinados formatos. Balizas, sim, consistência, sim, plausibilidade, sim, aprisionamento do real em dogmas, não.

Tem-se que admitir que a ciência, na contemporaneidade, criou grandes reflexões e (re)significações acerca do real, pois o desenvolvimento das várias tendências não pode ser isolada das condições histórico-sociais das quais emergem, nem do clima de opinião, nem das discussões, debates e conflitos em torno das grandes questões da hermenêutica nos tempos atuais: momento em que a globalização está se materializando diante de olhares que se trombam perplexos pelo visto.

### 3 – O CONHECIMENTO COMO PARADIGMA EMERGENTE

Atualmente, nota-se um avanço enorme de pesquisas voltadas às ciências humanas, embasadas em emergentes fundamentos lógicos de investigação científica, diferentes da concepção epistemológica objetivista que vem servindo de suporte à ciência construída na modernidade. Pois, conforme Gamboa (Ob. Cit., p. 102):

A “objetividade” – processo cognitivo centrado no objeto – pretendida pelas abordagens empírico-analíticas (...) é garantida na observação controlada que dá origem aos dados, na formalização desses dados através de instrumentos devidamente testados, na univocidade dos enunciados, na codificação – quase sempre numérica – que expressa um valor passível de ser traduzido para a linguagem lógica das proposições protocolares e organizado segundo as leis do raciocínio lógico-dedutivo. Tal processo supõe a existência do dado imediato despido de conotações subjetivas.

Entretanto, os fundamentos lógicos para a investigação científica vêm criando novos espaços para uma diversificação de métodos de pesquisa, principalmente, os chamados métodos qualitativos. Os quais podem ser inferidos a partir do mesmo autor (idem, p. 95): “[...] (são) uma nova maneira de ver, conceber e organizar categorias, muitas delas originadas dentro de outras visões, mas recriadas em novas condições e sob outros interesses cognitivos”.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Além dos fundamentos lógicos de investigação científica e seus juízos críticos de validade, o sujeito e o objeto de pesquisa também passam a ser admitidos como partes integrantes dos processos de criação. Pode-se, assim, entender que esses elementos inexistem dicotomizadamente. Para Terré (2000, p. 42)

A tradição sugere que a experiência depende ou da objetividade, ou da subjetividade: num caso, o mundo existe em si mesmo e vemo-lo como ele é; no outro, percebemo-lo através da nossa subjetividade. Pelo contrário, se seguirmos o fio condutor da circularidade<sup>5</sup>, podemos abordar esta questão de um ponto de vista diferente onde participação e interpretação, sujeito e objeto estão inseparavelmente misturados.

Logo, sujeito e objeto de pesquisa são considerados como edificações sócio-históricas, e os objetos – considerados naturais, pelos métodos quantitativos – passam a ser concebidos como objetivações decorrentes das características, dos acordos e das convenções linguísticas que tornam possíveis as representações sêmicas do pensamento, incluindo o conhecimento científico ou não e as categorias conceituais com as quais o mundo simbólico é organizado.

Seguindo os pensamentos de Morin (1995, p. 61), “[...] o objeto e o sujeito, abandonados cada um a si próprio, são conceitos insuficientes (...) surgindo o grande paradoxo: sujeito e objeto são indissociáveis [...]”, de tal maneira que esses se constituem mutuamente. Não se procura mais certo distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, pois a união inquebrantável de ambos passa a ser pressuposto.

Quando se edifica um conhecimento, constrói-se, paralelamente, um objeto de pesquisa inédito. Ao mesmo tempo em que o ser humano constitui-se a si mesmo no meio universal da experiência: a cultura, na qual se encontra enraizado, existindo através da linguagem, constituindo-se como sujeito, tacitamente, contaminado de subjetividade. Conforme Gamboa (Ob. Cit., p 102-103):

<sup>5</sup> Para esse mesmo autor (2000), circularidade pode ser entendida como o movimento circular, recursivo que se utiliza como meio de definição e de (re)configuração de um campo cultural e pelo movimento de conversão que exerce sobre os elementos isolados e sobre os componentes vizinhos.

A “subjetividade” entendida como a presença marcante do sujeito na interpretação do objeto, é garantida no processo rigoroso da passagem da experiência fenomênica à compreensão da essência, através da recuperação da totalidade implícita ou do contexto no qual se insere o fenômeno. (...) Esse processo supõe o comando do intérprete que assume a “subjetividade fundante do sentido” e organiza os dados de realidade, tendo como ponto de partida a manutenção e extensão da intersubjetividade.

Assim, os saberes relativos à realidade, desenvolvidos pelo pesquisador, estarão sempre fecundos de seus próprios conteúdos culturais. Sob esse viés, são rebatidos dois dos fundamentos da epistemologia moderna: o desenvolvimento de conhecimentos sem a interferência da subjetividade do pesquisador e a representação verdadeira da realidade.

Para Maturana e Varela (1995), apreender a realidade objetiva não é aceitável, em função dos limites da percepção do pesquisador. De tal modo, a ciência pode apenas impetrar uma hipótese consensual da verdade, porque o conhecimento científico está condicionalmente atrelado aos modelos de verdade presentes em um certo momento histórico e, rigidamente, circunscrito à estrutura biológica do sujeito, de tal maneira que muitos mundos são possíveis, tantos quantos forem os observadores. Daí emana a verdade ser múltipla, estar ligada ao contexto e ser historicamente localizada. Ou seja, todo o conhecimento, incluindo o científico, é pertinente às contingências históricas e culturais presentes no momento de sua gênese, estando a elas submetido e sendo por elas moldado. Para Alves (1991, p. 54):

Esta abordagem parte do pressuposto de que as pessoas agem em função das suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Dessa forma, o conhecimento científico refletirá, ao mesmo tempo, as relações sociais, os sistemas de crenças e os valores das comunidades científicas. Porque, os pesquisadores são frutos da dimensão tempo/espacial, isto é, de épocas e contextos sociais específicos como construtores ativos dos elementos característicos desse mundo em (trans)formação.

Enfim, a partir dessas implicações, não se deve, no processo de investigação científica, deixar de valorar a imersão do pesquisador no contexto, em

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

interação com os participantes, procurando apreender a (re)significação por eles atribuído aos fenômenos pesquisados. É também compreensível que o olhar lançado sobre o objeto de pesquisa vá sendo progressivamente ajustado durante a investigação e que os dados obtidos sejam predominantemente descritos e expressos através das palavras e dos sentimentos.

#### **4 – UM CONHECIMENTO IMBRICADO COM AS REAIS NECESSIDADES DA CONTEMPORANEIDADE**

Para uma ciência voltada às necessidades contemporâneas – como um tempo/espço atônito, onde o ser humano, ao voltar-se sobre si mesmo, como numa curvatura fetal, desvenda que o seu caminhar espelha um entrecruzamento de sombras, sombras pretéritas que ora intui já não ser, ora não ter ainda deixado de ser; sombras futurantes que ora reflete já ser, ora nunca vir a ser – Santos (2006, p. 8-9) diz:

[...] defendo uma posição epistemológica antipositivista e procuro fundamentá-la à luz dos debates que então se travam na física e na matemática. Ponho em causa a teoria representacional da verdade e a primazia das explicações causais e defendo que todo o conhecimento científico é socialmente construído, que o seu rigor tem limites inultrapassáveis e que a sua objetividade não implica a sua neutralidade. Descrevo a crise do paradigma dominante e identifico os traços principais do que designo como paradigma emergente, em que atribuo às ciências sociais antipositivistas (ditas pós-modernas) uma nova centralidade, e defendo que a ciência, em geral, depois de ter rompido com o senso comum, deve transformar-se num novo e mais esclarecido senso comum.

Seguindo, ainda, os pensamentos desse mesmo autor (1989, p. 158), podem-se vislumbrar algumas características importantes para o bom emprego do conhecimento científico, como:

**1.** Os conhecimentos científicos devem voltar-se para uma situação concreta onde quem aplica está existencial, ética e socialmente comprometido com o impacto da aplicação; **2.** As aplicações decorrentes do conhecimento científico devem procurar novas alternativas de realidade e, para isso, as formas institucionalizadas devem ser questionadas, pois tendem a promover violência em vez de argumentação, o silenciamento em vez de comunicação, o estranhamento em vez de solidariedade; **3.** A aplicação dos conhecimentos tem de ser contextualizada tanto pelos meios como pelos fins, daí decorrendo dever o cientista falar como cientista e cidadão, simultaneamente, no mesmo discurso.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

A ciência, para Maturana e Varela (Ob. Cit., p. 165),

[...] é considerada uma atividade humana realizada pelos cientistas, vistos como observadores que explicam o que observam. Como tal, explicar é descrever a experiência pessoal de observar por parte do pesquisador. O observador como sistema vivo, pela sua constituição, não pode apresentar esclarecimentos ou alegações que desvendem ou conotem qualquer coisa que seja independente dos processos através dos quais ele profere suas explicações e alegações.

Nesse sentido, ainda segundo os mesmos autores (idem, p. 196), “[...] a ciência é constituída como um campo cognitivo, não se ocupando com a verdade e a realidade num sentido transcendental, mas buscando explicar as experiências humanas no campo das experiências humanas”.

A veracidade dos fatos torna-se um argumento que exige a explicitação das condições de sua composição e validação. A realidade deixa de ser vista como um campo autônomo, uma entidade independente, para ser vista como algo que passa a existir como uma mediação da linguagem, no campo de sua percepção de mundo. Para Gamboa (Ob. Cit., p. 107):

A visão de mundo, entendida como uma percepção organizada da realidade que orienta a produção da pesquisa, se constrói através da prática cotidiana do pesquisador e das condições concretas de sua existência. Isto é, a visão de mundo, que organiza, como categoria mais complexa e abrangente, os diversos elementos implícitos na concreticidade de uma determinada opção epistemológica, é a responsável pelas opções de caráter técnico, metodológico, teórico, epistemológico e filosófico que o pesquisador faz durante o processo da investigação. Embora essa visão apareça muitas vezes implícita, ela se forma através da incidência de determinadas condições históricas de caráter psicológico, sociológico e político.

Tornar-se um pesquisador significa submeter-se a um processo de aprendizagem dos critérios de validação e aplicação dos estudos científicos sobre a realidade. Assim, Gamboa (Ob. Cit., p. 105) adverte:

A concepção da realidade ou da visão de mundo, como categoria mais geral e abrangente, é um pressuposto fundamental que elucida a lógica implícita nas várias abordagens. (...) se relaciona com as concepções de história, de homem, de sujeito, de objeto, de ciência, de construção lógica etc., definindo, ainda mais, o fio condutor da compreensão e da explicação [presentes nas pesquisas].

Desta forma, pode-se levar em conta que, na contemporaneidade, têm ocorrido mudanças no paradigma epistemológico que tem incorporado, cada vez

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

mais, o comportamento e a ação humana que, ao contrário dos fenômenos naturais, não podem ser descritos e nem explicados por meio de uma concepção objetivista e, em consequência, tais transformações trouxeram uma (re)avaliação de seus procedimentos. Dentro desse contexto, além dos métodos quantitativos, já bem fundamentados e incorporados pela comunidade científica, os qualitativos passaram a ser cada vez mais desenvolvidos, principalmente, no campo das ciências sociais. Como legitima Santos (Ob. Cit., p. 38-39) ao dizer:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descrito e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético.

Sob essa ótica, as pesquisas qualitativas passam a ser mais apreciadas e a realidade pesquisada considerada como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico, vivenciado e descrito por um pesquisador a partir de sua capacidade de observação. Gatti (Ob. Cit., p. 11) corrobora quando diz que:

Esses critérios não são únicos nem universais e não há receita pronta para eles. Cada pesquisador com seu problema tem que criar seu referencial de segurança. Não há um modelo de pesquisa científica, como não há "o" método científico para o desenvolvimento da pesquisa. Esta é uma falsa idéia, pois o conhecimento científico se fez e se faz por meio de uma grande variedade de procedimentos e a criatividade do pesquisador em inventar maneiras de bem realizar os seus estudos tem que ser muito grande.

Assim, numa pesquisa qualitativa, outros procedimentos passam a ser valorizados. A especificidade da situação de pesquisa, isto é, a descrição detalhada e rigorosa dos fundamentos lógicos utilizados para a investigação, o caminho trilhado pelo pesquisador e a maneira como processou a sua interpretação são elementos que permitem uma visão holística, interrelacional do fenômeno estudado. E seguindo os pensamentos de Alves (Ob. Cit., p. 54): "A abordagem indutiva pode ser definida como aquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que as dimensões e categorias de interesse emergam progressivamente durante o processo de coleta e análise de dados". Evidenciando, dessa forma, um envolvimento maior entre pesquisador e participantes.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

O fundamento lógico para uma investigação científica não se determina por uma coleção de técnicas e instrumentos metodológicos, e sim pela coerência e cosmovisão que orientam o processo de inquirição; lógica esta que, por sua vez, é condicionada pelos pressupostos teórico-epistemológicos que caracterizam um certo paradigma. Portanto, tal fundamento está sempre articulando e direcionando o trabalho científico, tanto com as necessidades dos participantes e do pesquisador, quanto com a sociedade à qual pertencem. O critério vital para a validação do conhecimento passa a ser o quanto o novo conhecimento construído pode trazer de maior compreensão e benefícios para os seres humanos, tanto em termos individuais, quanto sociais, portanto, elegendo um critério ético de relevância.

## 5 – TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa segue uma estrutura organizacional, entendendo essa como uma estratégia de intervenção e de reflexão sobre o objeto investigado. A mesma não segue um modo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos segundo o critério e a subjetividade do pesquisador. Conseqüentemente, a questão do rigor e da qualidade dos métodos qualitativos é oportuna e atual, sobretudo se considerar o aumento significativo de pesquisas enquadradas pelo viés do paradigma interpretativo que têm sido desenvolvidas no âmbito das investigações sociais.

Os resultados de uma investigação qualitativa são sempre uma visão subjetiva que implica, necessariamente, o pesquisador com toda a sua cosmovisão. Logo, este precisa planejar sua investigação de modo a obter critérios que põem em evidência: a credibilidade, transferibilidade, consistência e conformabilidade. Assim, o conhecimento construído a partir desse tipo de pesquisa não é mera irrealidade do pesquisador qualitativo, pois aquele sofre influências e restrições não apenas por parte do sujeito e da cultura em que vive, mas também por parte do objeto de pesquisa.

Enfim, a utilização dos métodos qualitativos pelas ciências sociais tem (re)significado os estudos humanísticos, contudo, estes não se efetivarão sem que a humanidade seja, ela também, profundamente transformada.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alda J. *O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação*. Cadernos de Pesquisa, nº 77, p. 53-61, mai. 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GAMBOA, Sílvio Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. p. 91-115.

GATTI, Bernadete Angelina. *A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: P&A, 2001.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MATURANA, H. & VARELA, F. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TERRÉ, Dominique. *As Derivas da Argumentação Científica*. Lisboa: Piaget, 2000.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número III Jan-jun 2011	Trabalho 02 Páginas 13-25
<a href="http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	